

Como a crise vai afetar o Brasil

RICARDO ALLAN

DA EQUIPE DO CORREIO

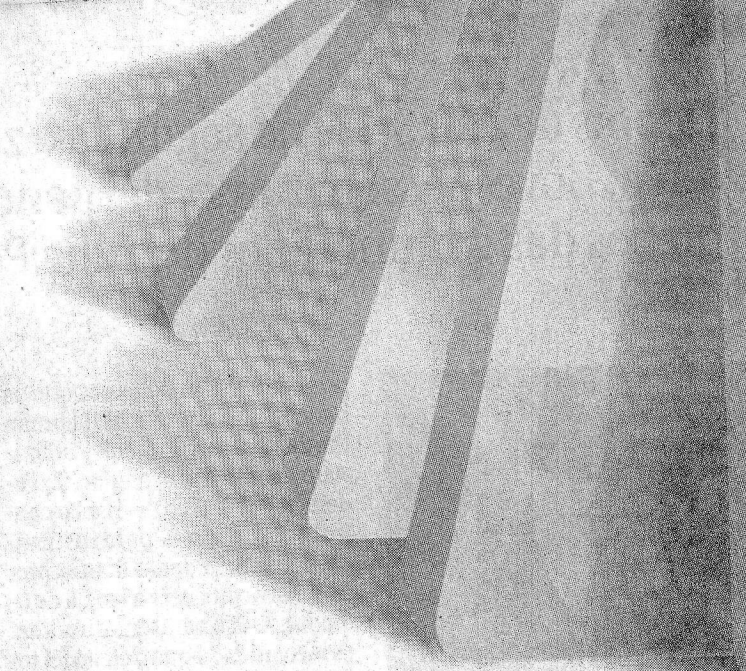
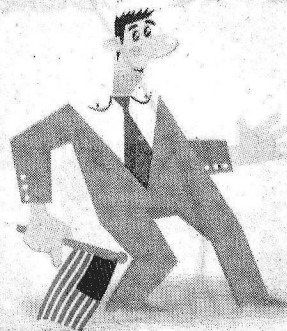
A pesar do discurso tranquilizador do governo, a economia brasileira será sim afetada pela crise financeira internacional. A afirmação é do vice-presidente da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB), José Augusto de Castro. O mecanismo de contágio seria o comércio internacional. Para o economista, não é mais absurdo imaginar que o superávit comercial do país evapore a ponto de se transformar num déficit já em 2009. O tamanho da contração nas exportações dependeria da magnitude do desaquecimento econômico mundial e da queda nas cotações das commodities.

“Embora a crise seja mais forte na área financeira até agora, já temos todos os sintomas de contágio pela economia real nos Estados Unidos (leia quadro). Infelizmente, a economia brasileira também será afetada, com impacto mais forte no ano que vem”, prevê. Na avaliação de Castro, o país será prejudicado por causa da alta dependência das commodities agrícolas e minerais na pauta de exportações. De tudo o que o Brasil exporta, cerca de 65% são commodities. “Não temos nenhum controle nem sobre os preços nem sobre as quantidades desses produtos. Estamos à mercê do mundo. Se ele for mal, nós iremos mal.”

Os preços das commodities aumentaram nos últimos anos,

EFEITO DOMINÓ

Até agora, Brasil é uma das peças menos afetadas pela crise norte-americana



mas Castro acredita que será inevitável um refluxo. Essa contração deve ser causada pela diminuição do consumo, conse-

quência direta da provável recessão nos Estados Unidos e da desaceleração econômica mundial. Para ele, o impacto só não

será sentido mais fortemente neste ano porque os contratos de venda de minério são anuais e os embarques foram contratados

com os preços ainda em alta. Nas estimativas da AEB, o superávit comercial não passará de US\$ 30 bilhões em 2008,

- 1 Nos últimos anos, os bancos concederam empréstimos imobiliários até para pessoas com problemas de crédito no segmento subprime (crédito de alto risco)
- 2 As carteiras dos bancos foram revendidas para outras instituições financeiras e as hipotecas dos imóveis serviram de lastros para operações no mercado secundário
- 3 A alta procura por imóveis criou uma “bolha” de valorização dos preços
- 4 Altamente endividados, os mutuários aumentaram o nível de calote nos contratos, gerando um efeito cascata que afetou todo o sistema financeiro
- 5 Os bancos começaram a executar as dívidas e os preços caíram, causando prejuízos a quem comprou imóveis para especular
- 6 Afetadas patrimonialmente, as instituições financeiras apresentam pesados prejuízos. O Bear Stearns, quinto maior banco de investimentos dos EUA, quebrou e foi vendido por menos de 10% de seu valor ao JP Morgan Chase

- 7 As perdas patrimoniais e os prejuízos do sistema financeiro montaram um cenário de recessão nos EUA. A economia deve cair no primeiro semestre deste ano, com queda do consumo e no nível de emprego
- 8 Como os EUA são responsáveis por um quarto da economia mundial e suas importações sustentam boa parte do comércio de outros países, o mundo inteiro deve sofrer com a provável queda das compras norte-americanas
- 9 Para cobrir os rombos nas contas, bancos e corretoras estão se desfazendo de investimentos no mundo todo. Isso e o temor de recessão mundial abalam todas as bolsas de valores
- 10 Para conter a crise, o Federal Reserve (Fed, o Banco Central dos EUA) vem cortando juros e injetando recursos na economia com o objetivo de estimular o crédito e o consumo

Editoria de Arte/CB

podendo passar para um pequeno déficit em 2009.

Contaminação

A crise internacional afetaria o comércio brasileiro ainda de forma indireta. A queda nos preços das commodities também deve afetar outros países em desenvolvimento, que são até mais dependentes da venda desse tipo de produto que o Brasil. É o caso, por exemplo, dos parceiros latino-americanos. Acontece que são justamente eles os que mais compram as mercadorias manufaturadas brasileiras. Como terão menos receitas de exportação, enfrentarão uma baixa na economia e, conseqüentemente, contarão com menos recursos disponíveis para importar industrializados brasileiros.

O senso comum indica que as importações brasileiras cairiam com a possível redução do ritmo de crescimento econômico interno, que diminuiria o ímpeto de consumo das indústrias e das pessoas. Para Castro, entretanto, não se pode esperar nem esse efeito, que reduziria um pouco os prejuízos para a balança. “O nível de importações está diretamente ligado ao câmbio. Enquanto o real estiver forte frente ao dólar, elas estarão em alta. E não há sinal de mudança significativa no câmbio”, diz. Neste ano, com o dólar no buraco, as importações crescem num ritmo de 50%, enquanto as exportações sobem apenas 20%.

Queda pode ser de 40%

O vice-presidente da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB), José Augusto de Castro, afirma que alguns analistas chegam a estimar queda de 40% no preço das commodities. “É um impacto muito forte. Tudo vai depender do cenário econômico nos Estados Unidos. Não quero dar uma de pessimista, mas as condições para o futuro estão se desenhando muito feias”, constata.

Para o economista Armando Castelar Pinheiro, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), a transmissão da crise para o Brasil vai se dar prioritariamente pelo comércio. Mas não só. Com a redução dos empréstimos pelos bancos internacionais, os investimentos no país podem minguar. “Se os problemas forem tão sérios

como parecem, inevitavelmente seremos afetados. Os bancos estão ficando mais seletivos na hora de conceder crédito, o que deve reduzir o fluxo financeiro para o Brasil”, diz. Pinheiro acredita que um déficit comercial já em 2009 é possível, mas não provável.

O economista-chefe da Confederação Nacional do Comércio, Carlos Thadeu de Freitas, acha difícil que a deterioração seja de tal forma que a balança comercial passe do superávit de US\$ 40 bilhões obtido no ano passado para um déficit dois anos depois. Mas as perspectivas não são boas. “Os prejuízos vão depender da profundidade e duração da crise. Num cenário médio, as commodities podem cair numa velocidade de muito grande”, alerta. (RA)

OPINIÃO DIFERENTE

O ministro do Desenvolvimento, Miguel Jorge, está seguro de que a balança comercial não apresentará déficits nem mensais, nem anuais. Para ele, quem apostar num resultado negativo vai errar da mesma maneira de quem previu que a economia cresceria só 3,5% em 2007. “Não trabalhamos em nenhuma hipótese com essa possibilidade (de déficit)”, disse. Para ele, o resultado negativo em três semanas seguidas foi fruto da estratégia da Petrobras de concentrar importações de petróleo no valor de US\$ 1 bilhão. (RA)